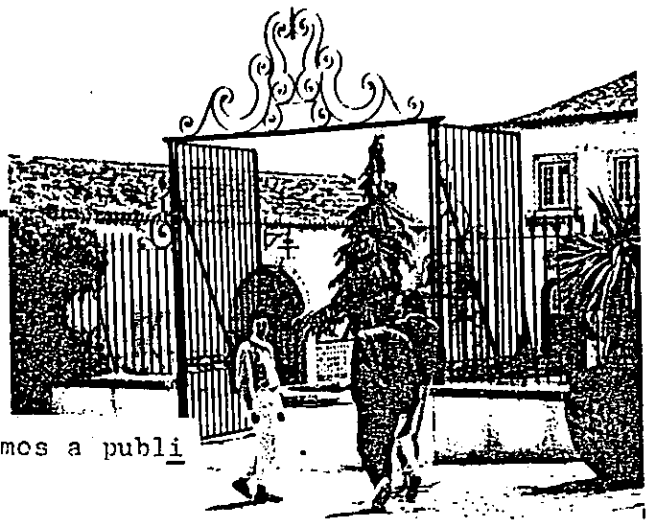
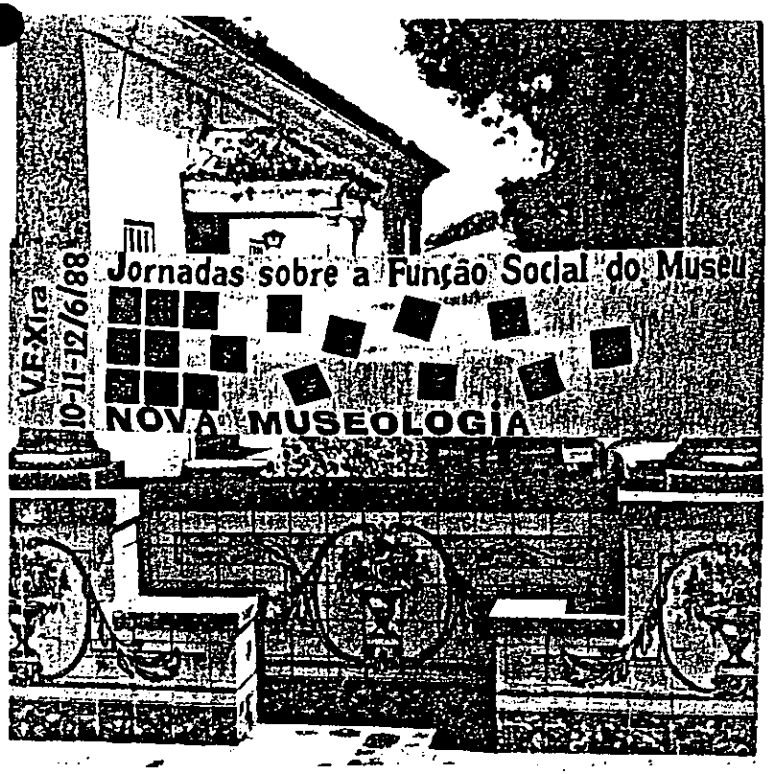
MOUVEMENT INTERNATIONAL POUR UNE NOUVELLE MUSÉOLOGIE
INTERNATIONAL MOVEMENT FOR A NEW MUSEOLOGY
Organisation internationale affiliée / Conseil international des musées
Affiliated international organization / The international council of museums

BOLETIM

dos membros portugueses do MINOM
Nº 1 - Maio de 1989





Editorial

Após uma ausência de ano e meio, retomamos a publicação do nosso boletim.

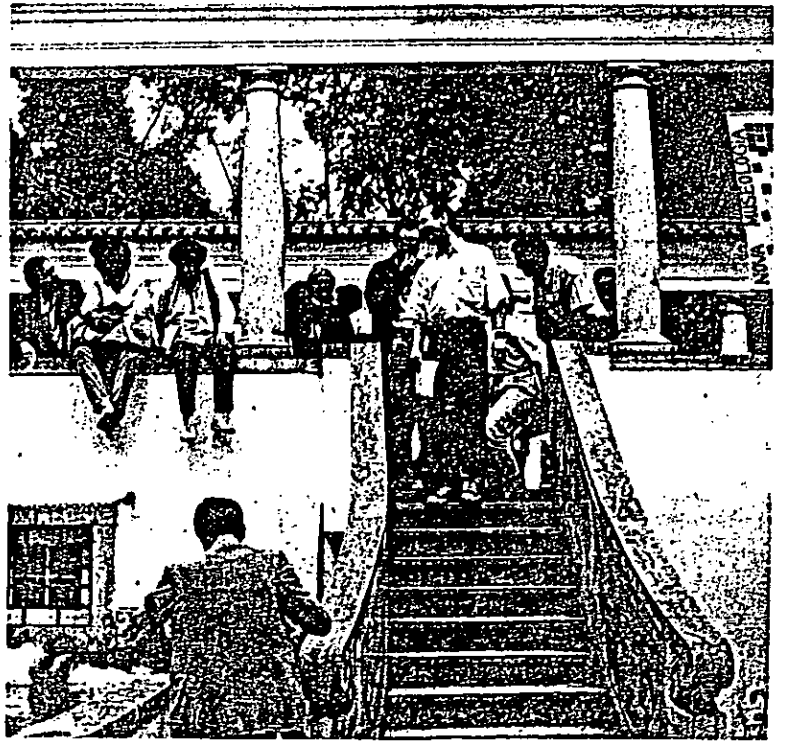
Dizíamos nós que, apesar das manifestas insuficiências de conteúdo e de forma, o número zero significava a abertura ao diálogo crítico entre os membros e reflectia as diferenças em presença na museologia activa em Portugal, correspondendo a uma primeira procura de uma plataforma consensual.

E fazíamos votos para que o boletim nº 1 viesse a iniciar a periodicidade semestral e a contar com uma maior participação de todos os membros portugueses do MINOM.

Com que objectivo?

Para conhecer os desenvolvimentos recentes de experiências já nossas conhecidas e analisar as ten

cont. p. 2



1989-026-04

dências que se manifestam no movimento museológico.

Divulgar tantas outras experiências e acções, colectivas e individuais, ainda praticamente por revelar.

Aprofundar os mais diversos projectos de intervenção museológica com aspectos inovadores.

DO ENCONTRO DE ARAGÃO ÀS JORNADAS DE VILA FRANCA

Desde a realização do IV ATELIER DO MINOM, em Aragão, as actividades do Movimento prosseguiram em bom ritmo, a nível nacional e internacional.

Os membros portugueses reencontraram-se, por convocação do delegado nacional António Nabais, a 16 de Janeiro de 1988, em Vila Franca de Xira. Os 13 membros presentes visitaram as instalações do núcleo museológico municipal, após o que reuniram na Quinta da Subserra, sob a presidência de Clara Camacho, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- Informações
- Análise do IV Atelier do MINOM
- Eleição do Delegado Nacional
- Plano de actividades para 1988
- Quotizações

cont. p. 3

MOUVEMENT INTERNATIONAL POUR UNE NOUVELLE MUSÉOLOGIE
INTERNATIONAL MOVEMENT FOR A NEW MUSEOLOGY
Organisation internationale affiliée/Conseil international des musées
Affiliated international organization/The international council of museums

MÉRTOLA ESTÁ DE NOVO ACTIVA!

Outrora centro de uma das mais importantes rotas fluviais do Baixo Alentejo e ponto de contacto com o Mediterrâneo, a vila entrara num processo lento de decadência e abandono. Num passado próximo, após o fecho da mina de S. Domingos, e devido à incúria do poder central, à população não restava outra alternativa senão a emigração.

Há dez anos iniciou-se na vila um projecto com a colaboração dos professores Cláudio Torres e Borges Coelho, e mais tarde sob a direcção de Cláudio Torres.

O trabalho efectuado teve sempre como orientação de base o respeito e a dignificação de um património histórico-ambiental verdadeiramente representativo da memória colectiva de uma população. População que é, no fundo, o motor do projecto, uma vez que já não lhe restam dúvidas que é da sua participação, da sua iniciativa,

cont. p. 3

Salientamos, pelos seus efeitos práticos, a eleição da delegada nacional, para 1988-89, Clara Camacho (por unanimidade); o debate em torno da questão da formação museológica (cursos institucionais, cooperação científica e técnica com instituições de formação, formação alternativa do MINOM e acções práticas de sensibilização/formação abertas a experiências museológicas por todo o país); e, finalmente, a decisão de organizar, no âmbito do Plano de Actividades para 1988, um primeiro encontro português aberto a novas práticas. Para a concretização do referido encontro foi eleita uma comissão constituída por Mário Moutinho, César Lopes, António Nabais e Clara Camacho.

O Museu Municipal de Vila Franca de Xira/Câmara Municipal e o MINOM/Grupo Português organizaram nos dias 10, 11 e 12 de Junho, na aprazível Quinta de Subserra, as "I Jornadas sobre a Função Social do Museu", que propunham uma reflexão sobre os seguintes temas:

- História e Ideias da Nova Museologia
- A profissão do museólogo no quadro da Nova Museologia
- Museu e participação das populações - o poder de decisão

cont. p. 4

MOUVEMENT INTERNATIONAL POUR UNE NOUVELLE MUSÉOLOGIE
INTERNATIONAL MOVEMENT FOR A NEW MUSEOLOGY
Organisation internationale affiliée/Conseil international des musées
Affiliated international organization/The international council of museums

integrando-se nos vários sectores de actuação, que depende o desenvolvimento integral.

No dia 24 de Junho de 1988 foi inaugurado em Mértola mais um núcleo museológico, dedicado ao período romano. Integrada nas festas da vila, esta inauguração vem marcar mais uma etapa no trabalho encetado há dez anos.

NÚCLEOS MUSEOLÓGICOS

A ideia do núcleo romano surgiu há alguns anos atrás, após o incêndio que afectou a câmara municipal. Os trabalhos de recuperação do edifício vieram pôr à vista estruturas arquitectónicas de um conjunto capaz de definir uma ocupação romana em Mértola. Aproveitando a circunstância, iniciaram-se as escavações. De imediato se percebeu que a oportunidade era única para criar um verdadeiro museu "in situ" tornando vivas as próprias estruturas arqueológicas, cuja inclusão nas mesmas de todo o espólio cerâmico relativo àquele período. Conjugaram-se

cont. p. 4

– Museologia e Desenvolvimento

Nas Jornadas participaram 55 pessoas, representando cerca de trinta experiências e acções museológicas existentes por todo o país. Para além das experiências já nossas conhecidas, que dispensamos citar, destaquemos apenas aquelas que nos permitem ter uma visão da amplitude geográfica da participação nas Jornadas: Museu Rural e do Vinho (Cartaxo); Câmara Municipal de Mértola; Museu da Amadora; Câmara Municipal da Palmela; Museu Municipal de Benavente; Museu dos CTT; Museu de Alhandra; Museu de Setúbal; Vilarinho das Furnas; Grupo de Arqueologia da Lourinhã; Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial; Faculdade de Letras de Lisboa; Palácio Nacional da Pena; Museu Nacional do Traje; Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra ; Palácio Nacional de Mafra; Câmara Municipal da Marinha Grande; Museu de Etnografia de Setúbal; Museu Conde de Castro Guimarães (Cascais); Escola Secundária Emídio Navarro (Monte da Caparica).

As conclusões das Jornadas (págs. 20 e segs.), por si só, dão-nos uma ideia das preocupações que nortearam os vivíssimos debates no decurso dos três dias vividos, em ambiente de franca amizade, na Quinta da Subserra.

cont. p. 19

MOUVEMENT INTERNATIONAL POUR UNE NOUVELLE MUSÉOLOGIE
INTERNATIONAL MOVEMENT FOR A NEW MUSEOLOGY
Organisation internationale affiliée/Conseil international des musées
Affiliated international organization/The international council of museums

as peças e o local por forma a criar, tanto quanto possível, a imagem de uma vivência quotidiana no período romano.

O aproveitamento de edifícios da vila para reconstituições museológicas não é contudo uma novidade. O primeiro núcleo surgiu em 1981 na antiga igreja da Misericórdia. O seu espólio resulta das escavações feitas ao longo dos anos e do levantamento de objectos de arte sacra que foi efectuado em todo o concelho. Aqui pretendeu-se conciliar a exposição dos objectos com a história da vila, na sua dinâmica económica e social. Todas as peças são acompanhadas por documentação fotográfica que ilustra as várias fases do trabalho: escavação, limpeza, reconstituição dos achados arqueológicos.

De notar que o espaço museológico não foi destituído da sua função inicial, pois a população continua a estar na posse dos seus "san-

cont.. p. 5

CRIAR UM CENTRO DE INTERPRETAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO, DO PATRIMÓNIO E DA POPULAÇÃO DO ALGARVE.

José Gameiro
Alberto Piscarreta
Jaime Palhinha

Roteiros, guias, revistas e jornais, cartazes e postais ilustrados, anúncios e campanhas publicitárias, aí estão diariamente para nos devolver as imagens de um Algarve a quatro cores e várias línguas que tarda em procurar reconhecer e reconciliar-se com a sua memória, história e identidade cultural.

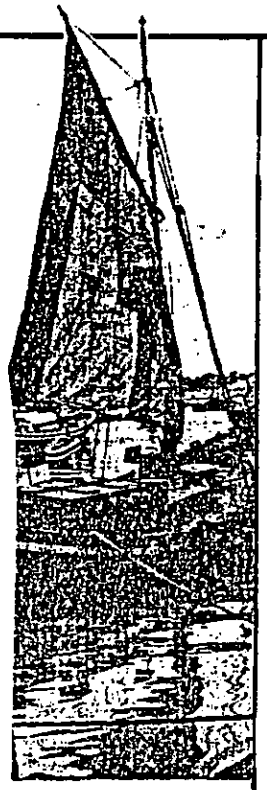
Mais do que reconstruir cenários de palavras importadas ou paisagens de repetição e uniformidade apressadas, é urgente redescobrir o Algarve ainda possível e presente nos gestos, artes e marcas dos homens que aprenderam a capacidade do diálogo natural com esta terra, este Sol, este mar oceânico e esta herança colectiva que é a realidade algarvia.

Conhecer, utilizar e desenvolver uma tal herança e realidade implica à partida a construção de espaços e momentos diversificados e descentralizados que facilitem a aproximação e o encontro da comunidade algarvia consigo própria e com os outros.

Numa sociedade cujo modelo democrático se pretende mais representativo e participado no plano nacional, regional e local, tanto maior e legítima será a responsabilidade colectiva do Algarve na procura de soluções para o reencontro com os traços materiais e espirituais da sua história, com os lugares e ambientes naturais e humanos da sua identidade ou finalmente, com tudo o que constitui o seu património natural e cultural.

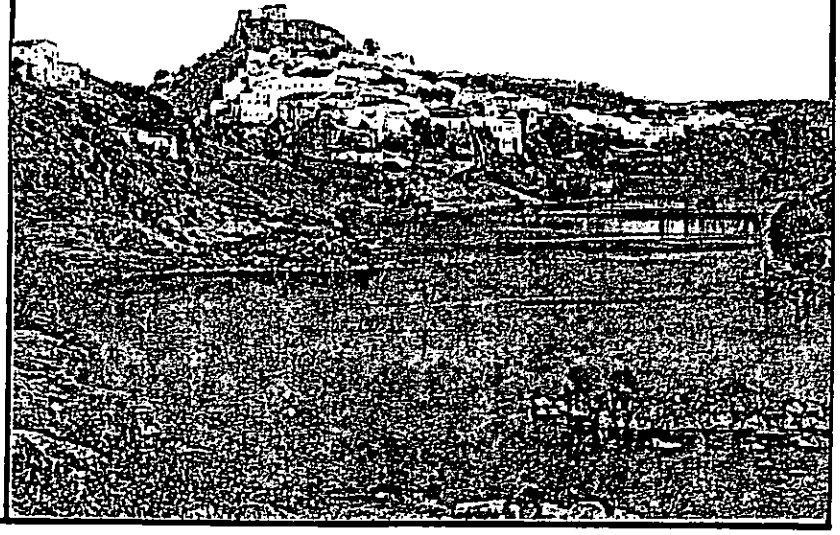
É assim que em Portimão surge a ideia de MUSEU como instrumento privilegiado para tal tarefa e igualmente vocacionado para o aparecimento, renovação e desenvolvimento de atitudes e hábitos culturais. Nesse sentido e como Museu Municipal a sua dimensão, âmbito e reflexo da sua interacção terá a forma que a

cont. p. 6



tinhos" para a prestação dos respectivos cultos, dentro ou fora da igreja-museu. Mas a participação das populações faz-se sentir ainda no trabalho de restauro das telas e santos que está a ser levado a cabo por algumas jovens da vila que receberam formação adequada para esse efeito.

As peças islâmicas que se encontram na igreja da Misericórdia, transitarão até 1990 para um edifício contíguo, reservado exclusivamente à arte islâmica, que se encontra em fase de construção.



cont. p. 6

Autarquia, a Comissão Instaladora e a População souberem construir conjuntamente nas diferentes fases do processo de instalação e gestão do conjunto de meios e serviços que constituem a expressão Museu na sua totalidade.

A comunidade museológica tem vindo a assistir particularmente a partir dos anos sessenta, tanto a nível nacional como internacional, ao nascimento de novas propostas cujas designações:

Museu activo;
Museu vivo;
Museu de território;
Museu de ar livre;
Museu comunitário;
Museu de vizinhança;
Museu de identidade;
Ecomuseu;
Museu do espaço e do tempo;
Museu integral;

reflectem as preocupações de apreximar os Museus das sociedades que servem, de modo a participarem na consciência das comunidades contribuindo para implicá-las na acção cívica, cultural e social. Assiste-se a uma deslocação do eixo das preocupações das instituições museais e dos novos museus que abandonam progressivamente concepções de culto e sacralização do Objecto absoluto a favor de uma maior proximidade do Homem, do seu tempo e da sua obra, participando ao lado das instituições e estruturas educativas, científicas, culturais e porventura como uma síntese destas, na explicação e prospecção dos caminhos percorridos e a percorrer pelas populações.

Em Portimão, a instalação do Museu prossegue um programa que questionando a visão clássica de Museu como um Edifício, uma Colecção e um Público, contrapõe o Museu como um Território, um Património e uma População componentes que reputamos fundamentais para uma museologia que se quer a par do seu tempo e cujos conceitos tentaremos clarificar em seguida.

O Museu-Território, ultrapassando o carácter restrito e algo fechado do Museu-Edifício, distribui-se pela área geográfica,

cont. p. 7

Outro museu de sítio começa a pouco e pouco a ganhar forma em Mértola, o núcleo Paleo-Cristão, alicerçado nas ruínas de uma basílica . A sua construção era problemática, por se situar no espaço contíguo ao da escola primária. Havia que conciliar múltiplos interesses, tanto mais que existia o projecto de um novo tribunal para a zona. Solucionadas estas questões e tomando em consideração a ânsia das populações que não queriam ver o espaço do átrio da escola reduzido, o que portanto não permitia a continuação dos trabalhos, fez-se o projecto para a construção do museu.

Por seu turno, o espólio dos capitéis e esculturas várias de pedra, que se encontravam espalhados por toda a vila, foram colocados no Castelo, agrupados por vários períodos.

As questões artesanais não foram esqueci-

cont. p. 7

social, económica e cultural da sua implantação integrando, para além dos espaços específicos e núcleos de exposições, todos os elementos materiais, edifícios, locais e unidades histéricamente representativas para a interpretação da formação e evolução do desenvolvimento local reconstituindo assim um itinerário da vida de uma dada comunidade.

O Museu-Património indo além do Museu-Colecção, propõe ocupar-se dos elementos e testemunhos mais significativos e intervenientes na construção da memória e identidade colectiva da comunidade compreendida na área de influência do Museu.

Evitando posições fechadas sobre si próprio e sobre as colecções que possui num determinado momento, a actividade de um Museu que entenda o seu lugar como um centro de diálogo com o meio natural e social envolvente, será um trabalho continuado, participado e pluridisciplinar que espelhará a personalidade histórica local de uma forma evolutiva através de uma constante atitude de interpretação permanente.

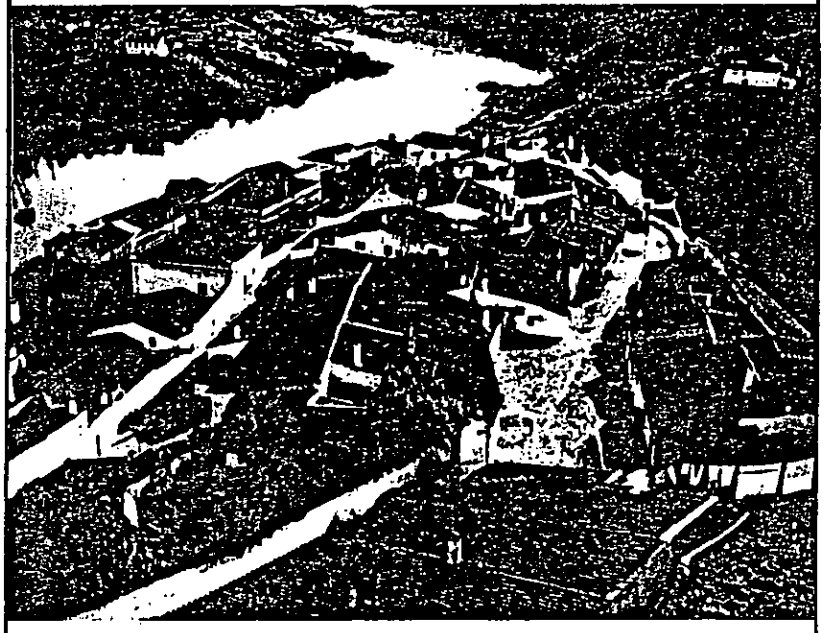
Museu-População remete-nos para uma relação mais activa e alargada do que a de Museu-Público. Através dos seus testemunhos e histórias de vida, das suas técnicas, artes e ofícios, dos seus gestos e ritos, das suas doações e empréstimos de objectos, materiais, documentos, das colaborações e serviços diversos, os grupos sociais transformam-se em elementos gradualmente envolvidos na construção do Museu. Como utentes naturais e próximos são os habitantes da sua voz e expressão abandonando posições passivas e algo distantes, subjacentes a um certo estatuto de público abstracto e anónimo mais compreensível para forasteiros e turistas do que para habitantes locais.

Explicitados os conceitos que animam o projecto de instalação do Museu Municipal de Portimão, interessaria agora apresentar em traços gerais o caminho desenvolvido para a prosecução do mesmo, através de uma breve viagem caracterizadora do domínio geográfico e humano onde tal trabalho se processa.

A área do Concelho de Portimão estende-se entre a protecção natural da Serra de Monchique e o Atlântico tendo a sua personalidade específica vindo a ser continuamente moldada

cont. p. 8

das e acudiu-se de pronto à recuperação da última oficina de ferreiro em moldes tradicionais, que é passível de ser visitada, como se estivesse em pleno funcionamento.



MÉRTOLA E O DESENVOLVIMENTO

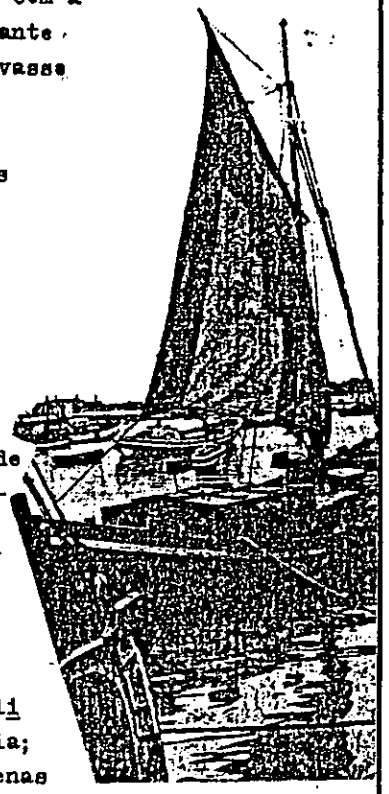
Todo o projecto de Mértola só foi possível graças ao apoio que recebeu de início do presidente da Câmara, Serrão Martins, que cedo compreendeu o alcance e a importância que

cont. p. 8

pela interacção das populações do Barrocal e do Litoral com a terra, o rio, a praia e o mar num contexto ambiental bastante favorável. Quem hoje percorresse este território e observasse entre outros os seguintes aspectos:

- -vestígios pré-históricos da necrópole de Alcalar;
- -anforas, moedas, cerâmicas e outros achados de várias épocas e civilizações retirados do Rio Arade;
- -estruturas romanas das vilas da Abicada, Montemar e Vale da Arrancada com as suas cisternas geminadas;
- -pequenos lagares e lagaretas escavados na rocha;
- -marcas de influência árabe no Castelo do Linho, nos Morabitos, nas técnicas agrícolas do Barrocal e na tradição oral;
- -Monumentos religiosos e militares como o Convento de S. Francisco, Fortaleza de Sª Catarina e restos muralhados da antiga Vila Nova;
- -antigos complexos agrícolas nos Morgados de Arge, Reguengos e Torre com os edifícios tradicionais da tipologia rural;
- -formas artesanais ainda presentes nas tecnologias do barro, da cal, do carvão, do vinho, da doçaria e culinária, da pesca, da construção, da cestaria, da latoaria;
- -restos de moinhos de maré, estaleiros, salinas e dezenas de antigas fábricas de conserva;
- -pontes rodoviária e ferroviária ligadas historicamente à tecnologia do ferro e decisivas na expansão local;
- -zonas de grande riqueza marítima e ornitológica e ambiental como o estuário do Arade e Ria de Alvor;
- -a animação de mercados, feiras, lojas, restaurantes e a diversidade de estruturas turísticas;
- -recantos e paisagens desenhadas pelas águas do Rio e do Mar;
- -a histórica povoação marítima de Alvor com a sua lota e barco salva-vidas testemunhando a luta constante do homem e do mar;
- -o pulsar da vida do cais de Portimão na partida e che-

cont. p. 9



este trabalho poderia vir a ter, não só em termos históricos, mas também por uma defesa do património que apelasse ao apoio e intervenção directa das populações, como factor do seu próprio desenvolvimento.

Cláudio Torres teve sempre presente que a defesa do património histórico tinha de andar associada à cultura oral, principal repositório da memória colectiva de um povo.

Muitas das referências fornecidas pelas populações são confirmadas através do arquivo, que funciona em coordenação com o projecto arqueológico e museológico, fornecendo informações aos mais variados níevis: estatísticos, toponímicos, económicos e sociais, e cujo desenvolvimento dos trabalhos criará em breve no C.A.M. um centro de documentação de História local, orientado por Borges Coelho.

A tarefa da Associação de Defesa do Património não tem sido menos importante, nes-

cont. p. 9

gada dos barcos, nos gestos e artes dos pescadores e no ritual colectivo das assadas de sardinha; ficaria seguramente em melhores condições para interpretar o evoluir histórico e os itinerários de desenvolvimento seguidos no quadro de vida de Portimão dentro das fases agrícola, piscatória, industrial, comercial e turística.

Compete ao Museu através de um trabalho interdisciplinar na área das ciências humanas e naturais (arqueologia, etnologia, antropologia, ecologia, geologia, geografia, etc.) ligar de forma coerente os diversos testemunhos ao todo histórico, transformando-se desse modo num autêntico bilhete de identidade e instrumento de conhecimento, deixando de ser apenas um local de contemplação de recordações nostálgicas de costas viradas para o presente e para o futuro para se assumir como mais um espaço de reflexão e interrogação sobre os homens que sucessivamente se fixam na região de Portimão e cujas marcas materiais constituem a resposta a momentos e contextos de vida determinados.

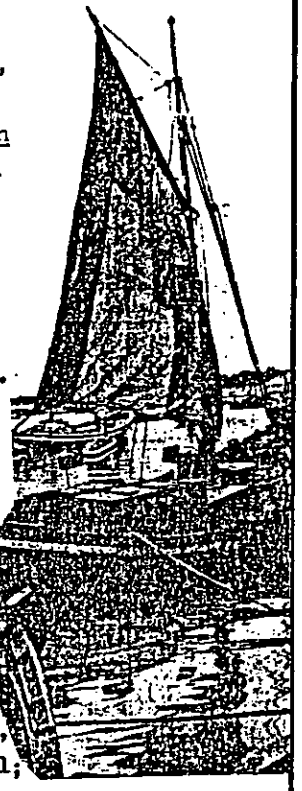
O trabalho da Comissão Instaladora, embora situado numa fase inicial de implementação de estruturas, contactos com a população para levantamento e recolha de testemunhos orais e materiais e colaboração diversa, tem vindo a obedecer a um programa anual nas áreas da Museografia, da Investigação, da Conservação e da Divulgação com vista a atingir os objectivos anteriormente referidos.

Na área da Museografia:

-criação dos Serviços de Apoio compreendendo os gabinetes de trabalho, as reservas, o arquivo, a oficina de restauro, sala de design museográfico e equipamento de extensão cultural;

-definição do Núcleo de Exposições Temporárias e Auditório da quinta do Amparo onde decorrem obras de adaptação;

-reconversão do antigo Mercado Municipal em Núcleo-Sede do Museu reanimando e reabilitando assim um local que no Concelho e na Cidade é marcado no plano simbólico, histórico e social pelo encontro e pelo diálogo das trocas, pelos gestos de compra e venda aos quais as gentes de Portimão diariamente se habitueram. Mudando embora a função-Mercado para a função-Museu



cont. p. 10

ta tentativa de desenvolvimento da vila com base na recuperação do seu património. O primeiro passo foi dado com a criação da escola cooperativa de tecelagem. Partiu-se de um levantamento das tradições, técnicas e padrões decorativos, trabalho esse que foi matéria de publicação do primeiro caderno do C.A.M. (1) e, posteriormente, orientou-se toda a produção e venda dos artigos, ocupando neste momento mais de 50 pessoas.

A urbanística da cidade velha, conservando grande parte dos seus traços medievais, transforma a própria vila num espaço museológico actuante, a que se está a dar corpo pelo desenho da totalidade das suas estruturas habitacionais e cuja preservação assenta na reutilização de técnicas tradicionais, nomeadamente a taipa, para o que já foram formados quatro jovens mertolenses. Aliás, a preservação da vila velha foi já uma tare-

cont. p. 10

manter-se-à o espírito de espaço comunitário.O estudo de adaptação processa-se neste momento;

Na área da Investigação:

-abertura de um Centro de Documentação e Informação no Núcleo da quinta do Amparo como corolário do trabalho de pesquisa,recolha,estudo e tratamento de espécies documentais, iconográficas e bibliográficas com incidência na história local;

-elaboração da Carta Arqueológica e campanha de escavações no Vale da Arrancada;

-desenvolvimento da investigação sobre a memória industrial de Portimão desde o final do Sec. XIX aos nossos dias, com incidência nas fábricas de conserva e pesca ;

Na área da Conservação:

-acções de defesa ,classificação e restauro dos materiais recolhidos do Rio Arade,das escavações,das fábricas e de doações da população.

-restauro dos mosaicos da vila romana da Abicada,apoio ao projecto de recuperação da necrópole de Alcalar e criação de proposta de projecto para a protecção e valorização das Cisternas do Vale da Arrancada e espaço envolvente;

Na área da Divulgação:

-acções nos meios de comunicação nacionais e regionais e edição de materiais informativos dos objectivos e implicações culturais do trabalho museológico em curso;

-reuniões com elementos da comunidade local nomeadamente professores,técnicos,industriais,trabalhadores ligados aos vários sectores industriais,navais e artesanais;

-exposições pontuais nos Festivais da Sardinha e do Mar;

-participação nos Ateliers do Movimento Internacional para um Nova Museologia(MINOM-ICOM);

O projecto de Museu iniciado em Portimão há pouco mais de três anos,tem vindo,no decurso de uma prática participada por elementos da comunidade local na descoberta da sua matriz e identidade,na preservação das aquisições materiais historicamente significativas e na integração do seu trabalho ao serviço do desenvolvimento cultural do Concelho,a introduzir ele-

cont. p. 11

10

fa comunitária que envolveu toda a população, na última campanha da cal, patrocinada pela Câmara.

Como prova da resposta aos anseios mais prementes da população, não foi descurada a preservação do património ambiental. Da responsabilidade da Associação de Defesa do Património promoveram-se recentemente as "I Jornadas sobre as potencialidades do Concelho de Mértola no domínio florestal". Prevê-se para breve a criação do Parque Natural do Vale do Guadiana, que foi antecedido por uma publicação (2) com um levantamento das espécies animais e vegetais do concelho.

Entre o passado e o presente, o que está em causa em Mértola são os agentes de mudança, e a orientação a dar a cada um dos sectores do desenvolvimento.

(1) Angela Luzia, Isabel Magalhães e Cláudio

cont. p. 11

Museu de Portimão

— *Um trabalho em marcha*

Uma História a Divulgar
Um Património a Defender

mentes que ampliam e completam um quadro mais restritivo de uma Museologia tradicionalmente assente num edifício, uma colecção e um público alargando-o à dimensão do território, do património e da população.

No caso do Algarve e quando se começa a admitir consensualmente a possibilidade política e administrativa de uma Região, mais ela deverá corresponder a uma Região-Realidade Cultural Algarvia sem a qual mais incompleta e comprometida ficará tal proposta.

É pois nesta encruzilhada de perspectivas, interesses e realidades que o Algarve e as populações locais deverão encontrar formas de progresso que passem pelo equilíbrio entre o desenvolvimento que se pretende e a cultura e a natureza que nos pertence. São afinal essas as bases de um Centro de Interpretação e Valorização do Território, do Património e da População do Algarve, catalizador de competências pluridisciplinares e dinamizador duma pedagogia de desenvolvimento harmonioso de toda a Região em todas as suas dimensões.

Torres, Mantas Tradicionais do Baixo Alentejo, 1984.

(2) Fauna e Flora de Mértola - Uma perspectiva ecológica do Concelho, de António Pena, Luís Gomes e José Cabral.

A pura lã constitui a matéria-prima utilizada no fabrico das mantas. Após a tosquia das ovelhas, a realizar nos meses de Abril e Maio, lava-se e bate-se a lã com uma vara de loendro, aberta com as mãos e depois azeitada para facilitar as operações seguintes.

Para a cardação da lã utiliza-se um par de cardas de madeira e aço, pesando cada uma cerca de 2 kilos. Esta representa, além da tosquia, a única actividade executada por homens.

MÉRTOLA
Cooperativa-Oficina de Tecelagem
PORTUGAL
fabrico artesanal / handwoven

Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola
Largo Vasco da Gama :: 7750 Mértola Portugal

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO ANO DE 1988

Museu Etnológico de Monte Redondo

Monte Redondo — Leiria

1- CONSTRUCÃO DO NUCLEO CENTRAL

Conclusão da 1a.fase do Núcleo Central, que consistiu na construção de três salas e uma casa de banho, onde já se encontram instalados os seguintes serviços:

* Serviços administrativos
* Fundo de Documentação Geral
* Biblioteca de Serviço
* Gabinete do Agente de Desenvolvimento Local
* Oficina de Esteiraria
* Oficina para montagem de exposições (no sotão)

Procedeu-se igualmente ao arranjo provisório do espaço exterior.

Estas obras foram possíveis graças ao subsdídio da Secretaria de Estado da Cultura e contribuições em materiais e mão-de-obra por parte da população.

Em relação à restante parte do edificio, foi feito o acompanhamento do respectivo processo junto da Direcção -Geral do Ordenamento do Território, o qual foi integrado no PIDAC para 1989, tendo já sido entregue o Caderno de Encargos e o Programa de Concurso.

2- RECUPERAÇÃO DAS SALINAS DA JUNQUEIRA

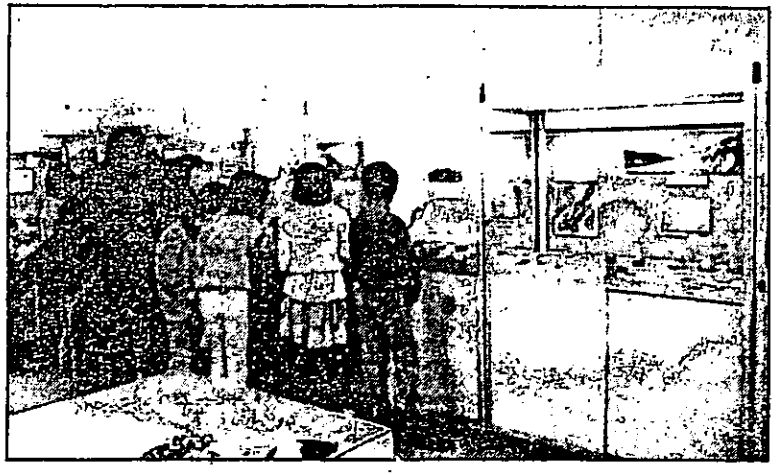
Foi assinado o Protocolo para utilização das Salinas com a Câmara Municipal de Leiria.

Procedeu-se às obras de restauro do edifício principal, arranjos dos espaços exteriores e limpeza de valas exteriores e interiores com a colaboração da Associação de Regantes do Vale do Lis.

cont. p. 13

MUSEU MUNICIPAL DE SESIMBRA - uma acção local

O Museu Arqueológico foi criado por iniciativa da Câmara, com o objectivo de evitar a dispersão, por vários outros museus e colecções particulares, do Património Arqueológico do Concelho que, a partir das obras de restauro do Castelo e da descoberta de várias jazidas pré-históricas, estava a crescer aceleradamente. Inaugurado em 1960 numa dependência da Igreja de Santa Maria do Castelo foi transferido, em 1982, para a vila,



Os jovens das escolas que vêm ao Passeio Cultural incluiram já o Museu Arqueológico no seu itinerário.

cont. p. 13

As obras de restauro consistiram na colocação de novo telhado e madeiramento, execução de linteis, vigas e pilares para reforço da estrutura do edificio, caixilharias, pinturas e instalação de água, electricidade e saneamento.

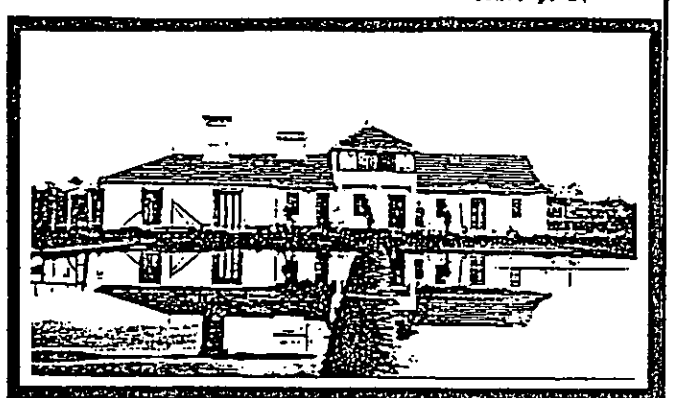
Procedeu-se igualmente à recuperação de parte das Salinas, tendo sido executado o necessário levantamento topográfico.

No edificio foram preparados um apartamento para a senhora há muito residente no local, três salas para diversas actividades, três quartos, sala de estudo, cozinha e casa de banho para alojamento de investigadores e uma sala para exposições. Completou-se a recuperação com a construção de um alpendre e parqueamento.

Estas obras foram executadas graças a subsdidio da Câmara Municipal de Leiria e fundos próprios do Museu, além de mão-de-obra enquadrada no Programa ATD do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Durante todo o Verão já foi dada intensa ocupação a estas instalações.

cont. p. 14



MUSEU ETNOLÓGICO DE MONTE REDONDO

recuperar as salinas da JUNQUEIRA

encontrando-se actualmente nas instalações do ex-Ciclo Preparatório, aguardando melhores condições.

Os materiais expostos, que não resultam de achados superficiais feitos aqui e ali e depois reunidos por analogias tipológicas, mas que provêm de estações ou jazidas perfeitamente definidas pelas suas características arqueológicas, descrevem-nos quais as culturas e povos que ocuparam a região desde os primórdios da Idade da Pedra.

As indústrias do Paleolítico estão representadas por pequenos seixos trabalhados, que Breunil e Zbyszewski denominaram Lusitaniano ou micro-Lusitaniano, consoante as dimensões dos mesmos.

Dos princípios do 4º milénio, foram encontradas na Lapa do Fumo dois vasos em forma de saco com decoração impressa, tipo folhas de acácia, e asas bífidas, que são exem-

cont. p. 14

3- PROGRAMA EDITORIAL

Publicação dos números 7 e 8 da Revista MERIDIES.
Publicação do número 4 da Colecção "Cadernos do Património" - "Quatro Novos Oleiros", por Simão Vieira.
Edição de documentação vária para a Feira de Artesanato e actividades complementares.
Publicação do Boletim Informativo número 5.

4- APOIO AO ARTESANATO

Inicio de um Programa ACAI (Apoio à Criação de Actividades Independentes) - IEFP, referente a 4 Oleiros da freguesia da Bajouca, com a atribuição de subsídios no valor de 1.200 contos para equipamento, realização de um pequeno curso de Cerâmica e apoio à comercialização.
Inicio de um Programa ACPE (Apoio à Criação do Próprio Emprego) - IEFP, referente a 2 Oleiras da freguesia da Bajouca, tendo já concluido o módulo de Gestão.
Recuperação da Esteiraria de Junco com instalação de um tear, produção da matéria-prima e preparação de um estudo sobre a tecnologia deste tipo de tecelagem.
Apoio a uma tecelã de mantas de algodão e trapos, com recuperação de motivos tradicionais e utilização de novos materiais.
Valorização da profissão de Costureira, em particular por meio de um concurso de trabalhos executados pelas costureiras da área de influência do Museu. Neste processo participaram cerca de 40 costureiras que apresentaram 60 modelos durante um desfile organizado nas Salinas, o qual foi presenciado por cerca de 4000 pessoas.

5- ORGANIZAÇÃO DE UMA FEIRA DE ARTESANATO

Teve lugar de 23 de Julho a 30 de Agosto, nas Salinas da Junqueira, uma Feira de Artesanato produzido na área

cont. p. 15

plares raros de uma cerâmica que tem paralelo num estilo do Neolítico do Norte de África.

Conjuntos de uma fase média do Neolítico, com microlitos trapezóides e triangulares, machados de pedra e cerâmica não decorada, falam-nos desses tempos recuados de finais do 3º milénio A.C.

Outros conjuntos onde abundam placas, ídolos de tipo almeriense surgem como intrusos estrangeiros, evocam-nos a Cultura Megalítica fácies Alentejana e influência do Levante Espanhol.

Posteriores conjuntos de um exuberante Eneolítico, com pontas de seta de base côncava, ídolos cilíndricos de calcário, com evidente influência da Cultura Campaniforme, dão-nos prova da continuidade da vida ao longo de todo o 2º milénio e metade do 1º milénio A.C.. O lapso de tempo que medeia

cont. p. 15

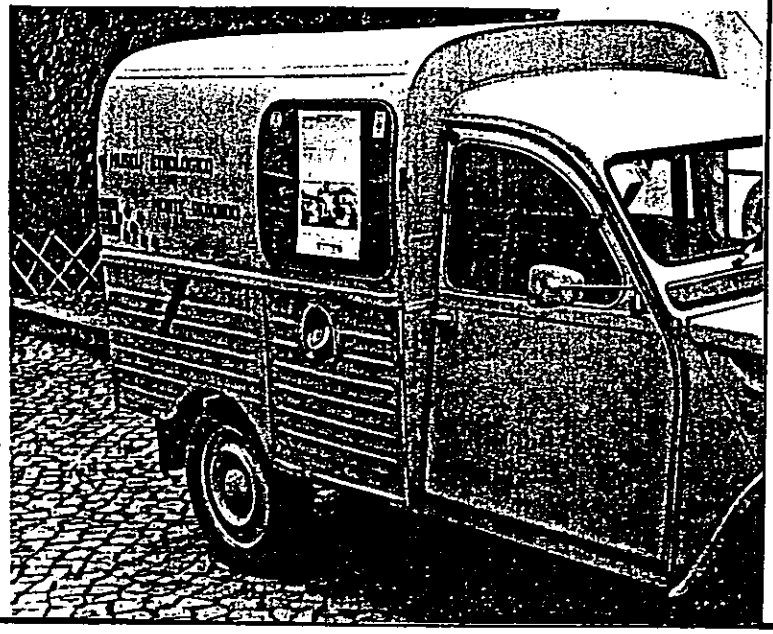
de influência do Museu.

A venda e valorização deste Artesanato (olaria, esteiraria de bunho, junco e palha, cestarias diversas, tanoaria, marcenaria, tecelagem de mantas, bordados, etc.), foi conseguida com bastante sucesso, tendo na ocasião sido feito um estudo de mercado com vista à selecção e melhoramento dos produtos.

Durante a Feira tiveram lugar as seguintes actividades de animação: passagem de videos infantis, concurso de jogos tradicionais, exposições, encontro de caçadores, recepção de um rally-paper de uma empresa de Leiria e uma passagem de modelos com baile e exibição dos Ranchos Folclóricos da Carreira e Sismaria

6-COLABORAÇÃO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES

Participação na organização das I Jornadas Sobre a Função Social do Museu, que tiveram lugar em Vila Franca de Xira, em colaboração com o grupo português do MINOM-ICOM. cont. p. 15



1400 e 400 A.C. é preenchido pelas cerâmicas de Bronze Argárico e com ornatos brunidos da Lapa do Fumo e instrumentos do Bronze Atlântico de Pedreiras. Os materiais de bronze e ferro, da Necrópole de Casalão, colocam-nos nos limiares da época Lusitano-Romana, também esta documentada pelas taças, pelas tegulae, etc, do cemitério do Calhariz.

Os materiais expostos , conforme os agruparmos ou isolarmos, descrevem-nos a evolução de tipos, sucessões de culturas e cronologias.

Analisando ainda a colecção numismática, constituída, na maioria dos casos, por metais pobres, podemos vislumbrar os períodos de maior ou menor intensidade populacional no Castelo, conforme as épocas.

Algumas obras de arte religiosa, dão-nos o grau de sumptuosidade de capelas(hoje demolidas)da vila pós-medieval. Destacam-se, em particular, três pinturas sobre tábuas, atri-

cont. p. 16

Envio à República da Guiné-Bissau do Director do Museu para orientação e coordenação do I "Seminário Nacional de Museologia e Animação Cultural" organizado pela Secretaria de Estado da Cultura da Guiné, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal e da UNESCO.

Envio à República da Guiné-Bissau de um colaborador do Museu para apoio à montagem do Museu Nacional em Bissau, com apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal.

Inscrição da Associação de Defesa do Património Cultural de M.Redondo no INAmb (Instituto Nacional do Ambiente) e participação na sua Assembleia Geral.

Participação no debate sobre Agentes de Desenvolvimento, que teve lugar na sede do IEFP, em Lisboa.

Colaboração nas "I Jornadas de Etnologia Regional" organizadas pela ESEL (Escola Superior de Educação de Leiria).

Colaboração com a Junta de Freguesia de M.Redondo, nas acções de preparação das comemorações dos 400 Anos da Freguesia.

Realização de um estudo sobre o tráfego rodoviário nas estradas de Bajouca, F.Cova e Pedrogão tendo em vista o posterior arranjo dos pavimentos.

Mostra da Exposição sobre actividades e projectos do Museu e palestra na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, em Leiria.

cont. p. 17

buíveis à escola portuguesa de finais do séc. XVI, um Padre Eterno esoulpido em madeira pintada e dourada, atribuível ao séc. XVII, provenientes da antiga capela do Espírito Santo (todos estes materiais foram recentemente restaurados no Instituto José de Figueiredo); um S. Sebastião do séc. XV e uma escultura decapitada (renascentista), em pedra proveniente da Igreja do Cabo Espichel.

Até certo ponto, reflecte-se nestas obras de arte a prosperidade da vila durante os séculos XV, XVI e XVII, na época das navegações e descobrimentos, suficientemente justificada pela conhecida actividade marítima de Sesimbra, que chegou a construir navios e cuja população tanto esteve presente nas frotas portuguesas dos séculos áureos da nossa história.

Em Setembro de 1987, foi inaugurado o "Museu do Mar", resultado de intenso tra-

cont. p. 17

7- COLABORAÇÃO COM O INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Contratação de um ADL (Agente de Desenvolvimento Local), para apoio à criação de postos de trabalho, criação do próprio emprego, fomento de iniciativas locais de emprego, divulgação e encaminhamento de programas do IEFP e apoio à criação artistica.

Aplicação de um Programa OTJ (Ocupação Temporária de Jovens) - 4 postos de trabalho.

Aplicação de um Programa ATD (Apoio a Trabalhadores Desempregados) - 5 postos de trabalho.

Desenvolvimento dos Programas ACAI e ACPE, descritos no ponto 4 deste Relatório.

Colaboração na organização e montagem da "Exposição OTJ-88 e Aprendizagem", que teve lugar no Mercado de Santana em Leiria.

8- TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO

Estudo sobre a tecnologia de Esteiraria de Junco, a ser publicado na Colecção "Cadernos de Património".

Continuação do estudo sobre as Salinas da Junqueira.

Conclusão do levantamento do Artesanato da área de influência do Museu.

Levantamento das costureiras da àrea de influência do Museu.

Levantamento e registo em vídeo dos toques dos sinos da Igreja Paroquial de M.Redondo, por ocasião da sua desmontagem.

balho de pesquisa e sensibilização junta da população com vista à recuperação dos materiais e apetrechos de pesca, por forma a conservá-los, estudá-los e expô-los, com fins de educação e deleite da população local e sazonal. Permitindo ao visitante avaliar a evolução da actividade piscatória ao longo do tempo e analisar a cultura de um povo que desde longa data teve como principal meio de subsistência a pesca.

Das armações à "valenciana", arte da sacada, xávega e da pesca de cerco existem maquetas, bem como apetrechos da pesca do alto, da pesca costeira, incluindo os covos para a lagosta e peixe de escamas, os aparelhos para o polvo e o marisco.

A construção naval é uma das indústrias representadas. Uma grande quantidade de fotografias completam a informação fornecida pelo espólio .

cont. p. 18

A CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

O MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA

E O MUSEU MUNICIPAL DE PORTIMÃO

realizam nos dias 2, 3, 4, e 5 de Novembro de 1989

as II JORNADAS SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU

Informações:

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Museu Municipal de Portimão

Quinta do Amparo, Lote A Cave

8500 PORTIMÃO Tel. 082/412238

Bordo de taças tipo Palmela com decoração campaniforme - Lapa do Bugio

Enterramento da camada vermelha - Lapa do Fumo
Neolítico Recente

Para o pescador de Sesimbra e, em particular, para as gerações mais velhas, o "Museu do Mar" é motivo para recordar a vida de "outros tempos", a sua evolução nos domínios do trabalho e das relações sociais, económicas e culturais.

Para as gerações mais jovens, o Museu é motivo para reflexão sobre as mutações ocorridas na comunidade em que se inserem e sobre os desafios do futuro.

cont. da p. 4 (editorial)

De destacar a constituição de uma Comissão encarregada de criar um CENTRO DE ESTUDOS PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA (António Nabais, Carlos Brito, César Lopes, Fernando António, Jorge Custódio, Madalena Braz Teixeira, Mário Moutinho e Rui Parreira), que tenha como objectivos a formação de novos profissionais, a criação de ateliers práticos locais e a formação permanente, e que se assuma como interlocutor válido junto das Universidades e Institutos que promovem a formação profissional.

DE VILA FRANCA A PORTIMÃO

Já no decurso deste ano, a 22 de Fevereiro, reuniu no Museu do Traje a secção portuguesa do MINOM, sob a presidência da coordenadora nacional, Clara Camacho, com a seguinte Ordem de Trabalhos
- Análise do Relatório de Actividades de 1988
- Eleição do Coordenador para 1989
- Plano de Actividades para 1989

Estiveram presentes treze membros, tendo participado também na reunião, aproveitando a sua estada em Lisboa, Pierre Mayrand, presidente do Conselho de Administração do MINOM e René Rivard, membro do MINOM do Canadá.

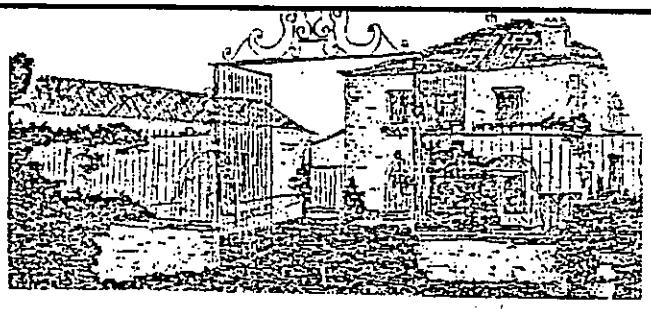
No decurso da reunião, Mário Moutinho fez uma síntese do que tem sido a cooperação de membros do MINOM com a Secretaria de Estado da Cultura da Guiné-Bissau, na área da Museologia e da formação em museologia e animação cultural, com particular referência à última acção desenvolvida naquele país: O seminário internacional sobre Museologia e Desenvolvimento, que decorreu de 10 a 18 de Fevereiro e foi animado por militantes do MINOM de Portugal, França e Canadá.

Foi referida a lista de membros portugueses, constituída por 37 nomes e mencionado o pedido de adesão de João Cravo (Amadora) e Manuel Antunes (Vilarinho das Furnas).
Clara Camacho informou que a partir de Maio se iniciaria o trabalho da Comissão encarregada da criação do Centro de Estudos para uma Nova Museologia.

De salientar a eleição de José Gameiro como Coordenador nacional, por unanimidade e aclamação.

Foram propostas e aceites as seguintes acções para o corrente ano: realização das II Jornadas sobre a Função Social do Museu, cuja organização será assegurada pela Câmara Municipal de Portimão, pelo MINOM e pelo Museu Municipal de Portimão; dinamização do Centro de Estudos; preparação da participação no Atelier Internacional do MINOM e da Conferência do

cont. p. 23



CONCLUSÕES

DAS

JORNADAS SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU - VILA FRANCA DE XIRA

SECÇÃO I

A PROFISSÃO DO MUSEÓLOGO NO QUADRO DA NOVA MUSEOLOGIA

1

O museólogo é um dos agentes do desenvolvimento integrado. Existem porém outros agentes com intervenção noutras áreas. Hoje, e sobretudo após a 2ª Guerra Mundial, a área de intervenção específica do museólogo, é a programação do discurso museal em função da gestão dos recursos ambientais e patrimoniais , tendo como veículo privilegiado de linguagem a exposição.

2

A evolução e complexificação da sociedade actual e as diferentes formas de descentralização e democratização fizeram emergir o museólogo em ruptura com o conservador. O conservador tende cada vez mais a assumir-se num quadro especializado como técnico da preservação do património.

3

O modo de actuação do museólogo subverte os princípios e os métodos em que assenta a museologia tradicional e introduz novas formas de participação na gestão dos recursos ambientais e patrimoniais nas comunidades onde exerce a sua actividade.

4

Os campos de intervenção do museólogo foram ampliados a partir das perspectivas da Nova Museologia. A gestão museal dos recursos humanos, a aplicação de técnicas de gestão ambientais e patrimoniais e a intervenção sócio-cultural passaram a basear-se numa metodologia que privilegia a investigação participativa, a reabilitação da memória a conservação integrada, a salvaguarda dos patrimónios e a fruição dos bens culturais.

5

Toda a actividade museal de novo tipo pressupõe a intervenção pluridisciplinar de modo a constituir-se em campo transdisciplinar. Esta opção implica a definição de perfis profissionais adequados às diferentes realidades locais e campos de actuação. Implica ainda a definição de diversos estatutos de intervenção e de um organigrama de competências de quem intervem no processo museal.

6

Os estatutos de intervenção profissional e não profissional são reconhecidos como fundamentais no âmbito da nova museologia. No que diz respeito aos profissionais eles devem ainda ser reconhecidos pelos poderes públicos, entidades privadas e comunidades.

7

Perante a impossibilidade de as intituições actuais darem resposta cabal à formação dos profissionais de museus de acordo com as necessidades actualmente sentidas, justifica-se uma formação alternativa.

Recomenda-se que saia destas Jornadas um Comissão encarregada de constituir um Centro de Estudos para uma Nova Museologia que tenha nos seus objectivos a formação de novos profissionais, a criação de ateliers práticos locais e a formação permanente e que se assuma como interlocutor válido junto das Universidades e Institutos que promovem ou possam vir a promover a formação profissional.

8

A acção do museólogo estendeu-se a um território mais vasto, que ultrapassa o próprio edifício do museu e se projecta na comunidade, ganhando um carácter prospectivo e num efeito de feed-back, transforma o quadro de actuação dentro do próprio edifício.

SECÇÃO II

MUSEU E PARTICIPAÇÃO DAS POPULAÇÕES

O Grupo era constituído por elementos que, na sua maioria, têm realizado trabalhos práticos em museus locais e / ou experiências museais em duas áreas geográficas distintas: urbana (periferia de Lisboa) e rural.

Constatou-se que a participação da população se faz a diferentes níveis e com diferentes graus de adesão, correspondendo aos vários interesses específicos de cada grupo.

cont. p. 21

Apresentou-se como dificuldade à participação das populações da área urbana da grande Lisboa a sua condição de migrante - desenraizamento cultural - o que provoca a necessidade de uma interligação entre o património dos locais de origem e uma integração no património das comunidades onde se fixaram.

As experiências museológicas apresentadas reflectem a participação das populações nas áreas da inventariação, investigação, conservação e restauro, formação, comunicação e avaliação. Estas áreas museológicas são concretizadas com a intervenção inter-activa da população e dos técnicos de acordo com a realidade de cada comunidade.

Assim, concluiu-se que:

a) a criação de um museu deverá depender da consciencialização da comunidade para a sua necessidade ou não. Esta consciencialização levará também à definição do tipo de museu seus objectivos e programa ;

b) a população deverá estar sempre informada dos trabalhos de investigadores e técnicos para melhor intervir e fruir do património ;

c) as práticas museológicas devem-se iniciar e desenvolver com dinâmicas próprias que não pressuponham uma hierarquia ou primado das várias áreas de intervenção museológica acima mencionadas.

SECÇÃO III

MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

No grupo de trabalho sobre " Museologia e Desenvolvimento" desenrolou-se um debate rico de relatos de práticas e de ideias beneficiando das várias vivências e reflexões ligadas às diversas experiências museológicas e afins que os membros que o integraram representam.

Da riqueza e diversidade do debate é difícil dar conta num documento de síntese. No entanto, e com intenção de contribuir para o aprofundamento do debate teórico e ideológico que o MINOM tem levado a cabo, e de enriquecer o corpus teórico do Nova Museologia os participantes decidiram salientar os seguintes itens que apresentam à discussão.

1
A museologia, nomeadamente as várias práticas da Nova Museologia, deve ser encarada pelas pessoas nela implicadas como meio (agente, instrumentos...), a par de outros, de desenvolvimento integral das populações e com as populações ;

2
reconhecem, no entanto, que a museologia e, portanto, a nova museologia, existiram sempre e continuam a existir num quadro que, se nem sempre tem contornos bem definidos, está, no entanto, intimamente relacionado com os modelos económicos dominantes em cada época. Neste contexto, a vocação local e regional de muitas experiências da nova museologia só pode ser entendida quando integrada num todo mais geral: a emergência de um novo modelo de acumulação capitalista, o qual, contrariamente ao anterior, faz destes espaços as áreas privilegiadas do desenvolvimento económico ;

3
dos enunciados anteriores . decorre que não entendemos a Nova Museologia como uma ruptura epistemológica fundamental no campo da museologia mas antes como a adaptação do que é específico do trabalho museal às novas condições a que os museus pré-existentes nem sempre (ou quase nunca) foram capazes de responder eficazmente ;

4
nesse sentido, o que há de novo nas práticas da Nova Museologia é a demonstração da capacidade (e a prática disso) de as populações se autoorganizarem para gerir o seu tempo e o seu futuro ;

5
igualmente reconhecem o carácter mais vasto da acção do museu e do museólogo que não pode confinar-se à acção cultural (que no entanto é essencial) e ao espaço local, mas reveste muitas vezes o carácter de intervenções nos domínios do social, do económico e até do político, já que essa acção visa o homem integral e o desenvolvimento integral das populações e não apenas o crescimento económico e está integrada num espaço que transcende o local por abarcar o regional e mesmo o nacional ;

6
a acção da Nova Museologia supõe a participação criadora da população no seu próprio desenvolvimento, ainda que haja a consciência de que essa participação se manifesta de modo vário, respeitando a diversidade de interesses, o grau de desenvolvimento e as necessidades em número de participantes em cada projecto.Daí decorre que não devamos criar ou manter a ilusão de que em cada projecto é necessário implicar a totalidade da população ;

cont. p. 22

7

Na perpectiva do desenvolvimento integral da população a primeira obrigação do museu e da equipa museal é detectar as carências do meio e responder-lhes de modo correcto e eficaz, não criando a ilusão de que intervenções pontuais podem resolver problemas estruturais das comunidades ;

8

na detecção e resposta a esses problemas têem papel fundamental os técnicos (Museólogos, investigadores, animadores, agentes de desenvolvimento...) cuja acção se desenrola em ligação com os restantes elementos que integram o projecto e tem de ser sempre orientada para a resolução dos interesses da população. Nesse sentido o Museu é um centro de formação de criadores ;

9

a concepção, o desenrolar e a avaliação dos projectos da Nova Museologia dependem sempre de uma percepção correcta das condições históricas e ambientais locais em que a intervenção se realiza ;

10

do que ficou enunciado decorre que o Novo Museu é um agente de desenvolvimento através de um trabalho criador e de sentido libertador feito pela população (em que se integra a equipa museal), por a população e que, como tal não se compadece com a delegação de poderes e de responsabilidades, já que esta delegação vai de encontro à manutenção das ideologias dominantes.

Qt.ª DE SUBSERRA, 10 - 11 e 12 de Junho de 1988

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

MOVIMENTO INTERNACIONAL POR UMA NOVA MUSEOLOGIA

MOUVEMENT INTERNATIONAL POUR UNE NOUVELLE MUSÉOLOGIE
INTERNATIONAL MOVEMENT FOR A NEW MUSEOLOGY
Organisation internationale affiliée/Conseil international des musées
Affiliated international organization/The international council of museums

MINOM

ICOM

Montréal, le 1er juin 88

Journées sur la fonction sociale des musées, MINOM/ Groupe Portugais, à l'attention de Clara Camacho.
Municipio de Vila Franca de Xira, 2600 Vila Franca de Xira, Portugal.

Chers (es) amis (es),

Je regrette de ne pouvoir assister aux " journées " de Quinta de Subserra, les 10, 11 et 12 juin. Nous sommes en période de montage des expositions de l'Ecomusée de la Haute-Beauce et de formation générale du personnel. Tous les thèmes qui seront abordés par le groupe portugais me paraissent d'une grande importance, et j'aurais aimé, en particulier, vous faire part de mes vues personnelles sur la difficile question de l'histoire et idées de la Nouvelle muséologie que j'ai eu à traiter dans mon cours de Nouvelles muséologies, cette année. Je vous félicite pour cette nouvelle initiative d'un des groupes fondateurs du MINOM, et je vous prie de saluer tous les camarades en leur souhaitant le meilleur succès. Il me fera plaisir de recevoir le compte rendu de cette rencontre par vos délégués au Conseil d'Administration.

Pierre Mayrand,
Président,
MINOM

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES / JANEIRO 1988 - FEVEREIRO 1989

1988

- 16 de Janeiro - Reunião dos membros portugueses do MINOM na Quinta de Subserra, Vila Franca de Xira. Participaram 12 membros do MINOM

- Abril - Carta circular a todos os membros portugueses remetendo a acta da reunião de Janeiro, solicitando o pagamento das cotizações e divulgando a realização das Jornadas sobre a Função Social do Museu.

- Abril/Maio - Preparação das Jornadas. Definição de metodologias e temas, preparação de textos e envio de convites.

- 10, 11 e 12 de Junho - Jornadas sobre a Função Social dos Museus na Quinta Municipal de Subserra. Participaram 54 pessoas, estando representados 17 Museus, 3 Associações e 2 Câmaras Municipais.
  É publicado durante as Jornadas o Boletim nº 3 do MINOM

- Julho - São enviadas a Andrea Hauenschild, tesoureira do MINOM algumas cotizações de membros portugueses.
  É contactado Lino Rodrigo no sentido de poder entregar directamente algumas cotizações.

1989

- Janeiro - É enviada uma carta a todos os membros com cotizações em atraso, solicitando o seu pagamento, tendo sido recebidas 5 respostas. É elaborada a lista completa de todos os membros.

- 22 de Fevereiro - Reunião dos membros portugueses do MINOM no Museu do Traje em Lisboa.

OUTRAS ACTIVIDADES

- Foi ao longo deste período mantida correspondência com vários membro do MINOM trocando informações e esclarecimentos nomeadamente com Marc Maure, René Rivard, André Hut, Fernanda Camargo Moro, Michéle Paradis, Paule Renaud e Andrea Hauenschild.

- Em resultado das Jornadas sobre a Função Social dos Museus foram mantidos contactos pessoais e correspondência sobre ideias e práticas da nova Museologia com, entre outros: Agostinho Serra (Museu Rural e do Vinho - Cartaxo); Fernando Gomes (Museu de Alenquer); Fernando António B. Pereira (Museu de Setúbal); João Cravo (Centro Cultural Roque Gameiro); Jorge Custódio (Associação Portuguesa de Arqueologia Indústrial); Rui Parreira (Serviço de Arqueologia do Sul I.P.P.C.); Manuel Antunes (Faculdade de Letras de Lisboa).

- Foram apresentados pedidos de candidatura a membros do MINOM por João Cravo e Manuel Antunes.

cont. da p. 19

ICOM; publicação do boletim com periodicidade semestral e criação em Portugal de uma rede de acolhimento de membros do MINOM.

Comité de Redacção